



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8149 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

DA INVISIBILIDADE À LEGITIMAÇÃO DO COTIDIANO

Jéssica Caroline Pereira da Silva Costa - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

DA INVISIBILIDADE À LEGITIMAÇÃO DO COTIDIANO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar parte de uma pesquisa de mestrado, em desenvolvimento sobre os currículos *pensadopraticados* (OLIVEIRA, 2003) na Educação Infantil. A construção dessa pesquisa se dá em um contexto em que todos nós, no ano de dois mil e vinte, fomos surpreendidos por uma situação mundial excepcional, um vírus que nos obrigou a fazer o impensável, nos isolar para preservar nossas vidas e a vida das pessoas que nos cercam. Com isso, tivemos que interromper várias atividades, inclusive as aulas presenciais em todas as escolas do país. Atravessada pela interrupção do que seria o meu trabalho de campo, tenho buscado novos caminhos para o desenvolvimento do trabalho. Dessa forma, busco apresentar aqui uma narrativa dos caminhos e reflexões teóricas já alcançados até o momento.

Tenho buscado refletir sobre como a metodologia de pesquisa narrativa pode ser uma aliada no processo de dar visibilidade e legitimar as vozes emergentes no/do chão da escola, abrindo espaço para os saberes tecidos no cotidiano. Busco ouvir o que nos contam os professores sobre suas práticas pedagógicas com as crianças pequenas, pois busco investir meu olhar nas relações construídas no espaço de Educação Infantil, para além do que dizem os documentos curriculares nacionais, jogando luz nas experiências práticas do cotidiano, pois quando os professores narram suas histórias, eles narram para si e para o outro, o que pode gerar mudanças na prática pedagógica, tornando-os autores do fazer docente. Com esse diálogo, desejo contribuir para que os professores percebam e reflitam sobre o que fazem e inventam cotidianamente, e se vejam como produtores de saberes e conhecimentos.

Para iniciar a conversa, é preciso ter em mente que cada sujeito traz consigo suas individualidades e experiências, de modo que não podemos ocupar o lugar do outro, mas podemos ouvi-lo. É através das narrativas que temos a possibilidade de ouvir outras vozes, outras posições e versões de diferentes sujeitos e histórias. Para Walter Benjamin (1993), a linguagem é a “casa” das ideias (CORSINO, 2012, p. 48), é por meio dela que nos expressamos e nos comunicamos com o mundo. A gente se constitui a partir da nossa interação com o outro, e essa relação só é possível através da linguagem, através do pensar junto e pensar no e com o outro. A partir dessas experiências coletivas vamos nos alterando e nos constituindo individualmente.

Viver em grupo é partilhar o encontro das diversas formas de ver o mundo. A escola é um espaço coletivo importante para a troca de ideias e sentimentos. Um lugar de encontro de diferentes culturas, um campo fértil e variado de saberes e vivências. Narrar a vida pode

contribuir para a revalorização das vozes/conhecimentos/práticas sociais daquelas populações historicamente excluídas enquanto sujeitos de culturas e de saberes, ampliando as possibilidades sociais de “superação das monoculturas que caracterizam a sociedade contemporânea em benefício de relações mais ecológicas entre os diferentes conhecimentos, culturas e formas de expressão” (OLIVEIRA, 2003, p.10).

Hooks (2019) nos encoraja a legitimar e visibilizar as diferentes formas de pensar e saber, pois não precisamos de uma única cultura para favorecer a comunicação, não precisamos conhecer tudo o tempo todo, aprendemos muito com o que o “outro” tem a dizer. Esse movimento nos ajuda a criar uma visão de mundo contra-hegemônica, abrindo espaço para a produção cultural alternativa e para epistemologias alternativas. Propõe que

[...] possamos aprender não só com os espaços de fala, mas também com os espaços de silêncio; que no ato de ouvir pacientemente outra língua, possamos subverter a cultura do frenesi e do consumo capitalistas que exigem que todos os desejos sejam satisfeitos imediatamente [...] (HOOKS, 2019, p. 232).

Problematizando o lugar da escola, para que as diversidades de experiências que cada ser humano traz conversem entre si, por meio das diferentes linguagens, os espaços discursivos precisam ser potencializados. Nessa interação, crianças e adultos permitem se modificar, produzindo na troca de conhecimentos, uma reflexão que resulta na alteração do sujeito. O ouvir, o escutar e o observar são bases para a construção de um diálogo sensível e vivo entre os que se permitem afetar pelo outro. Segundo Oliveira (2003, p.01), sujeitos e conhecimentos escreventes estão no *espaçotempo* escolar e precisam e merecem ser narrados e narrarem-se.

O cotidiano do professor é marcado por controles externos sobre o seu trabalho pedagógico que predeterminam direitos de aprendizagem, objetivos da aprendizagem, conteúdos, campos de experiências e avaliação que deverão orientar a prática. Os estudos dos cotidianos vêm indicando a necessidade da “crítica radical à organização dominante: internamente, tanto quanto à estrutura de poder, quanto ao fazer pedagógico” (ALVES, 2008, p. 96). O saber docente é marcado pela influência de outros saberes oriundos da sociedade, da escola, dos outros profissionais da educação, das universidades etc.

Dessa maneira, professores tecem e desenvolvem saberes ao longo da sua carreira profissional, resultantes do seu trabalho. Por isso, quando nos referimos aos saberes docentes é necessário ouvirmos o que este profissional tem a dizer e compartilhar sobre suas relações sociais. Perrenoud (1993) valoriza o saber tecido a partir da experiência docente. As vivências práticas dos professores são repletas de particularidades que constituem o saber docente como singular e único, e vai além do conhecimento limitado da racionalidade técnica. Segundo Oliveira (2003) o cotidiano está para além de ações e práticas repetitivas, uma concepção da palavra cotidiano disseminada no mundo contemporâneo. O fato de realizarmos as mesmas ações diariamente, não significa que elas aconteçam da mesma maneira, o que denomina de rebeldia do cotidiano “Atitude que não se deixa dominar por normas e regulamentos formais, exatamente porque as ações cotidianas, na multiplicidade de formas de sua realização não são e não podem ser repetidas no seu “como” (p. 51). Oliveira afirma que

A complexidade do seu cotidiano faz a escola não ser um espaço apenas para saberes formais para também incluir outros saberes. Isto não impede que o planejamento ocorra, mas é preciso que seja feito de uma forma aberta à dinâmica dos acontecimentos da sala de aula e do que os alunos trazem dos seus cotidianos (OLIVEIRA, 2003, p.118).

Vivemos em um mundo plural, no qual não existe apenas um modo de viver e de ser. Hierarquizar as diversas experiências nas escolas, nos faz desprezar a ideia de que há produção de conhecimento pelos sujeitos sociais que a frequentam. Ao desconsiderarmos essas experiências, continuaremos a praticar a invisibilidade de culturas que ao longo da história foram segregadas. É necessário pensar e praticar um currículo que valorize todas as vivências e os saberes que chegam ao ambiente escolar. Essa experiência pedagógica rompe com a concepção de conhecimento hegemônico e contribui para uma educação libertadora.

Palavras-chave: Currículo. Cotidiano escolar. Prática docente.

REFERÊNCIAS

ALVES, N e GARCIA R.L. O sentido da escola. 5.ed. Petrópolis: DP eti Alli, 2008.

CORSINO, P. (org.) Educação Infantil cotidiano e políticas.1.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

HOOKS, bell. A fala. In: _____. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

PERRENOUD, P. Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote. 1993.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Currículos Praticados – entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.